



Um Caminhar pela Trilogia Poética de Eduardo Mahon

A leitura dos textos literários na educação básica é um grande desafio. É necessário que os alunos dos cursos de Letras, Pedagogia e demais licenciaturas tenham contato com a produção literária, para que tenham possam ter referências de leituras diversificadas na sua prática docente. Não há aqui pretensão de apresentar uma análise literária da estética mahoniana, mas de elaborar um convite à leitura da escrita poética do escritor Eduardo

Mahon. Em cada obra da trilogia: **Meia Palavra Vasta**¹, **Palavra de Amolar**² e **Palavrazia**³, temos um prefácio e posfácio escritos por poetas que escrevem em Mato Grosso,

[1] MAHON, Eduardo. *Meia palavra Vasta*. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2014.

[2] MAHON, Eduardo. *Palavra de Amolar*. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2015.

[3] MAHON, Eduardo. *Palavrazia*. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2015.

são elas: Cristina Campos, Marilza Ribeiro, Marly Walker e Marília Beatriz, as quais endossam algumas perspectivas e olhares sobre a poesia dessa coletânea.

Por que ler essa trilogia de poemas? Respondo com a contribuição de Octavio Paz (2012)⁴: porque em cada poema ressoa a música do mundo. Nas curvas dos diferentes versos você irá se deparar com referências a grandes artistas das palavras que fazem parte do universo literário-cultural, como: Carlos Drummond de Andrade, Millor Fernandes, Gervásio Leite, Rubens de Mendonça, João Antônio Neto, Wladimir Dias-Pino, Silva Freire, Lucinda Persona, Marta Cocco Danielly Karoline, Rosemar Monteiro, Marília Beatriz, Marli Walker, Tadashi Jr., e muitos outros, seja na singeleza de uma homenagem [à] e/ou referência no entrecruzar e produzir (*com*) dos versos.

Ao arriscar-se pelo caminho da leitura poética de Eduardo Mahon, evoco o poema do primeiro livro da trilogia, **Meia Palavra vasta** (2014), como um recado ao leitor e/ou como um fio condutor, a fim de um questionar a si, de um compreender o ato de ler em produções com estéticas diversas, inquietações que acontecem, às vezes, também nos espaços vazios, como uma forma de revitalizar o percurso da formação de leitores, especialmente na educação básica.

Vanguarda
É forma
À margem
Da norma

Do poema acima decorre a possibilidade de nos questionar: de que modo concebemos o texto literário contemporâneo? Esta-

[4] PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Tradução: Ari Roitma e Paulina Watct. São Paulo. Cosac, Naify, 2012.

mos tendo acesso a essas produções? Quais potencialidades e/ou fragilidades apontamos nos inúmeros plantios literários que estão veiculando no contexto atual?

Em cada verso que compõe o conjunto da trilogia, a marginalidade das imposições sociais ressoa e nos instiga a ler, como se o próprio jogo e organização dos poemas nos convidassem a bailar com ritmos diversificados porque trata-se de um convite à liberdade do ato de ler. Percepções que ecoam, por exemplo, em **Palavra de Amolar** (2015), quando o *eu-lírico* poetiza que:

Para o futuro
que escolhi
ainda nem nasci

sempre me espanta
como ainda sangra
um passado morto

Em **Palavrazia** (2015), há uma junção de palavras que evoca um neologismo recheado de sentidos – palavra-vazia, que potencializa o fazer poética numa possível negação da polissemia da linguagem. No entanto, é uma negação que realiza um efeito contrário:

é tanto amor
em poesia
Que palavrazia.

O poema anterior é instigante e derrama poeticidade, para exagerar um pouco, fisgarme de tal modo que a leitura prossegue em busca de outras pérolas e corais, tal qual:

repito a esmo:
perdão por ser
eu mesmo



Jocineide Catarina Maciel de Souza

Quilombola Pita Canudo. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários PP-GEL/UNEMAT (2021). Componente do Grupo de Pesquisa em Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil - GPFENCO-UNIR/CNPQ. Professora de língua portuguesa, lotada na Escola Estadual João Batista em Tangará da Serra/MT. É membra do Coletivo de Mulheres Negras de Cáceres/MT.

jocineide.souza@unemat.br

desde o macaco
ano após ano
o homem resiste
em ser humano

Os poemas que compõem cada uma dessas obras é um encontro entre a poesia e a humanidade de cada leitor, pois Mahon não se limita apenas em formas literárias, mas na miscelânea de poemas em bloco de estrofes, haicais, poemas concretos e em versos livres, que nos apresentam a fusão entre a forma e a substância, como pontuou Octavio Paz (2012).

Destaco os adjetivos que acompanham as *palavras-títulos* da trilogia: amolar – afiar/importunar; vasta - ampla/grandiosa; vazia – limpa/desabitada; semanticamente e/ou esteticamente fazem reverberar outros sentidos. São palavras acompanhadas, que embora desenhadas em formato fragmentado e diverso, como já enunciado, se unem como rizoma pelas constelações evocadas das iluminuras poéticas que alçam voos e, portanto, não obedecem aos limites da significação convencional.

É notório que o trabalho realizado por Eduardo Mahon, no estado de Mato Grosso está provocando e estimulando muitas transformações no cenário literário, tanto na sua escrita quanto no processo de difusão de sua produção, logo o escritor se torna parte do “movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas” que convida o leitor à participação, seja na incompletude que as palavras nos proporcionam, no fio do corte do objeto amolado, ou na queimação provocada por uma escrita de encontros e desencontros, pelas dúvidas e certezas que nos levam a viver a literatura enquanto arte da palavra.

Suscitar a discussão da leitura literária, nos cursos de licenciaturas é fundamental para que essa consiga chegar as escolas de da educação básica. Desse modo, é possível pensar e significar a relação entre sociedade e arte que de acordo com Antonio Candido (2008, p.34)⁵ trata-se de uma “[...] atividade do artista estimula a diferenciação de grupos”.

[5] CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2008.

As palavras cortam, palavras ardem e não se limitam em medidas e fórmulas. Aceitar o convite à leitura dessa trilogia, que apresenta como centro dos seus títulos o termo “palavra”, é possibilitar aos acadêmicos iniciantes ou aos veteranos vivenciarem a experiência de ler em uma tarde, madrugada, manhã ou, até mesmo, ao meio dia, uma obra completa de imagem poéticas que remetem a diferentes experiências literárias que envolvem-nos de magia e dilemas que:

por ser levado
eu te levo
pra todo lado

Trata-se a trilogia de um partilhar palavras desconexas, fragmentadas, que se juntam pelo poder inenarrável das existências. Nesse viés e, para não finalizar, mantenho acesa a chama da leitura, enfatizando a incompletude em **Meia palavra vasta** e de como o fio do corte possibilitado pela **Palavra de amolar** pode acessar nossas percepções para ver nos poemas as inquietudes de **Palavrazia**. Perceber que nos movimentos vastos dos fragmentos da trilogia de Eduardo Mahon, nos possíveis ritmos diversificados do universo da leitura de cada leitor, estão contidos vidas e, conseqüentemente, a (des)ordem do mundo que provocam às danças em múltiplas coreografias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2008.
- MAHON, Eduardo. **Meia palavra Vasta**. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2014.
- MAHON, Eduardo. **Palavra de Amolar**. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2015.
- MAHON, Eduardo. **Palavrazia**. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2015.
- PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Tradução: Ari Roitma e Paulina Watct. São Paulo. Cosac, Naify, 2012.